

3

CAPÍTULO

COMUNICAÇÃO UM ATO PEDAGÓGICO, EDUCAÇÃO UM ATO COMUNICATIVO: A EDUCOMUNICAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA.

Pacheco, Larissa Cristina ^{1*}

¹ Universidade Federal de Goiás – Mestrado Profissional em História

* email: larissacrispacheco@gmail.com

RESUMO

Diante de um contexto de transformações políticas, sociais e pedagógicas, que sofremos nas últimas décadas, os professores começam a desenvolver experiências em sala tendo como recursos didáticos jornais, televisão, cinema e outros, buscando ampliar as possibilidades de práticas pedagógicas inovadoras no ensino de História, abrindo espaço para as mídias. Com isto, provoca-se uma ruptura do modelo de aula reprodutivo, deixando o aprendizado mais estimulante e despertando habilidades dos alunos através de um universo interativo, marcado com intercâmbios de ideias, linguagens e circulação de novos conhecimentos. Graças a maior aproximação entre forma de ensino e sociedade

em movimento, a união entre comunicação e educação possibilitou o surgimento de um novo campo de intervenção social; a figura do educomunicador. Este profissional atua com os educadores e reconhece que o professor não é o único que acumula conhecimento, mas que este é construído em conjunto na sala de aula, respeitando a diversidade de representações. Desta forma, este trabalho propõe a reflexão sobre as práticas educomunicativas no ensino de história em escolas de Catalão/GO e suas contribuições para a formação da cidadania.

Palavras-chave: Educomunicação; Ensino; História.

Revisado pela Orientadora Teresinha Maria Duarte, teresinha_duarte@yahoo.com.br

Pacheco, Larissa Cristina; "COMUNICAÇÃO UM ATO PEDAGÓGICO, EDUCAÇÃO UM ATO COMUNICATIVO: A EDUCOMUNICAÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA", p. 49-60 . In: Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação da Regional Catalão (2. : 2014 : Goiás) **Coletânea Interdisciplinar em Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - Volume 2 : Humanidades e Letras**. Anais [livro eletrônico] / organizado por Adriana Freitas Neves, Idelvone Mendes Ferreira, Maria Helena de Paula, Petrus Henrique Ribeiro dos Anjos. São Paulo: Blucher, 2015. ISBN: 978-85-8039-111-4, DOI 10.5151/9788580391114-V2_Cap3

1. INTRODUÇÃO

Este artigo foi construído a partir do projeto de pesquisa de mesmo nome apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em História, da Universidade Federal de Goiás em agosto de 2014. Nossa proposta é conhecer os meios de comunicação utilizados pelos professores de História do ensino médio na Escola Estadual Rita Bretas Paranhos e no Colégio Objetivo em Catalão/GO, e como estes meios de comunicação são utilizados como recurso para dinamizar e ampliar a participação dos estudantes nas aulas, a fim de, contribuir para a educomunicação.

Acreditando nesta perspectiva inovadora em aliar meios de comunicação, ensino de História e formação dos professores, a pesquisa, que se encontra em estágio inicial de levantamento bibliográfico, optou por realizar um estudo qualitativo, que consistirá no levantamento de informações e análise sobre a contribuição da comunicação educativa a serviço da construção da cidadania no ensino de história. Serão observados aspectos referentes à aplicação das mídias no ensino de história, bem como a postura dos professores e alunos frente à nova realidade. Em seguida serão realizadas as pesquisas de campo para coleta e o registro de análises de dados. Serão levantados os principais meios de comunicação utilizados pelos professores de História para identificar como os recursos midiáticos podem dinamizar e ampliar a participação dos estudantes nas aulas e, por conseguinte, analisar, interpretar e discutir os dados e verificar a importância inserir a figura do educador enquanto profissional capacitado para lidar com a mídia e a sala de aula.

1.1. EDUCOMUNICAÇÃO E SALA DE AULA

A partir de 1940, houve uma evolução dos modelos comunicacionais e seus impactos sobre a comunicação pedagógica no mundo. A relação escola-televisão se concretizou por muitos anos com hostilidade. Professores eram apáticos aos meios de comunicação, de forma que o saber escolar era o único verdadeiro. Nos anos de 1970, período em que o Brasil era conduzido por uma ditadura militar, cresce a prática comunicativa que insere o indivíduo no centro da comunicação e documentação popular, fato que possibilitou a emergência da comunicação educativa. Mas foi entre 1980/90 com a luta por uma comunicação democrática participativa pelas massas populares que acabou por influenciar a ação de vários grupos sociais como, por exemplo, as organizações não governamentais (ONGs, igreja, sindicatos) e a escola.

O que podemos acompanhar na atualidade é uma superação da proposta

comunicativa popular em vigor nos anos de 1970 e 1980. Um grande salto para a “democratização” dos meios de comunicação pode ser marcado pela Lei 9.612/98 que regulamenta a radiodifusão de baixa potência, como as rádios comunitárias e canais de TV comunitários, onde as massas populares assumem um papel atuante na mídia voltada para atender suas necessidades, tornando a comunicação acessível e informativa tanto para a cultura e para o conhecimento.

Acompanhado a tais modificações no setor social, há também uma reestruturação pedagógica no final dos anos 1990 e início do século XXI. A escola, além de dedicar-se aos ensinamentos científicos, também vai preparar os alunos para o exercício de seus direitos de cidadão. Abre-se espaço para que o então receptor seja um co-construtor da mensagem, cujo conhecimento resulta nas interações com outros atores humanos e inclusive com a mídia. A utilização de tecnologias de comunicação como rádios, TVs e internet pelas organizações comunitárias e ONGs é exemplo da democratização dos meios de comunicação em massa que chega até as salas de aula através dos alunos.

Os professores começam a desenvolver experiências em sala tendo como recursos didáticos jornais, televisão, cinema e outros, buscando ampliar as possibilidades de práticas pedagógicas inovadoras no ensino de História, abrindo espaço para as mídias. Com isto provoca-se uma ruptura do modelo de aula reprodutivo, deixando o aprendizado mais estimulante e despertando habilidades dos alunos através de um universo interativo, marcado com intercâmbios de ideias, linguagens e circulação de novos conhecimentos.

Neste contexto de transformações, graças a maior aproximação entre forma de ensino e sociedade em movimento, a união entre comunicação e educação possibilitou o surgimento de um novo campo de intervenção social; a figura do educador comunicador.

Segundo Geneviève Jacquinet (1998, p.10), o educador comunicador “É alguém que tem dupla função teórica, trabalhando na convergência entre as ciências da educação e as ciências da comunicação”. Trata-se de um profissional que elabora diagnósticos e coordena projetos na inter-relação comunicação e educação, implementa programas com o intuito de se relacionarem com a mídia e assessora educadores no adequado uso dos recursos da comunicação enquanto instrumento de expressão da cidadania. O educador comunicador reconhece que o professor não é o único que acumula conhecimento, conhecimento este construído em conjunto na sala de aula, respeitando a diversidade de representações.

Os alunos ao chegarem às salas de aula vêm com uma educação informal, repassada pelo convívio familiar e pelos meios de comunicação. São os saberes prévios, muitas vezes discriminados pelo professor tradicional, que acredita

existir somente a cultura e o saber através da educação escolar. Pensando conforme Ana Maria Monteiro (s.d.), para o ensino de história devem-se considerar as referências culturais do grupo familiar que sustentam as construções identitárias e deve-se reelaborar conteúdos e formas de aprendizagem para os alunos através de uma nova perspectiva, uma nova configuração, que busca não apenas aprender, mas fazer incorporar o significado e sentir-se parte do mesmo. É necessária uma reestruturação didática capaz de transcender a escola dos seus muros e ir atrás de outras formas de ensino.

Para Rösen (2001 apud GERMINIANI, 2011, p. 62), a consciência da relação passado, presente e futuro não se produzem somente na escola, mas em outros espaços como museus, arquivos, família e meios de comunicação. Existe uma importância cada dia maior da mídia na vida cotidiana das pessoas, em especial da nova geração escolar, que recebe informações a todo tempo, seja pela televisão, pelo rádio, pela *web* e tantos outros. É importante aproximar a escola da comunicação educativa a partir de uma perspectiva que valorize a participação do aluno e dos adultos no processo de aprendizagem e na construção da cidadania. Neste momento entra em cena a educomunicação.

O profissional que atua nesta área, o educador, é um professor do século XXI que integra os diferentes meios nas suas práticas pedagógicas. Ele reconhece o potencial educativo envolto nos veículos de comunicação, sejam eles de grande ou pequeno alcance. Acredita ainda que não é só o professor que tem o poder da palavra, não é o único que acumula conhecimento, o educador se serve dos conhecimentos para construir uma representação de mundo que não é mais objetiva, mas relativa. Faz do ensino de história “lugar de troca e de diálogos entre atores e saberes distintos que se encontram e se recriam” (MONTEIRO, s.d.), utilizando dos meios de comunicação para uma reflexão crítica, de diálogo entre memórias, entre os saberes trazidos de casa através da mídia e entre o conhecimento escolar.

O ofício do historiador requer a procura de um diálogo com o presente através do método da investigação de fontes e da pesquisa científica. Para Albuquerque Jr., o historiador é comparado a um artesão que desenvolve seu trabalho, o de fazer História como uma manufatura. O historiador busca no fragmento de narrativas do passado tecer coerência, costurar as entrelinhas e construir saberes. “O historiador, assim como as rendeiras, deve saber conectar os fios, amarrar os nós, respeitando os vazios e silêncios que também constituem o desenho do passado” (ALBUQUERQUE JR., s.d. p. 5).

Neste sentido, o historiador ao fazer história faz arte, analisa o discurso, busca nos detalhes o que ninguém vê e por isto tem uma importância social. O que o pesquisador escreve, o que o professor fala em sala vai refletir no seu público.

Assim, o historiador tem uma tarefa importante como também acredita Michel de Certeau (2000), que reflete sobre sua importância enquanto formador de opinião e enquanto sujeito histórico, dentro e fora das salas de aula. Percebemos que o ofício do historiador é mais que dar aulas de história ou coletar fontes. Ele dá sentido ao passado, dá significância aos fatos e, por conseguinte, a vida presente. Enquanto professor, o historiador tem o papel social de formar cidadãos conscientes, de despertar e ou aguçar a crítica e de dar condições para reflexão.

Os métodos da história passam por uma aproximação com outras áreas do saber e de uma reavaliação, considerando as representações da sociedade, de forma que a história não é mais a ciência dona de verdade. A história então assume um caráter crítico a partir da aproximação com outras ciências, como acredita Certeau “... a relação que ela mantém com diversas ciências lhe permite exercer, com referência a cada uma delas, uma função crítica necessária, e lhe sugere também o propósito de articular em conjunto os limites evidenciados desta maneira”, (Certeau, 2000, p. 89).

No campo da comunicação, vivenciamos o fenômeno do crescimento de uma comunicação diferenciada, onde um grupo de agentes culturais tanto no Brasil, quanto na América Latina, acreditam na comunicação enquanto um bem social que deve ser implementado para o bem comum e para a construção da cidadania, que vai além da educação introduzida nas escolas. Assim, para Cecília Peruzzo (2002, s.p.):

A participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita a pessoa tornar-se sujeito de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele. Tende a agregar novos elementos a sua cultura.

Ainda neste contexto de reconfigurações sociais e pedagógicas, o professor é peça importante que vai marcar e orientar diferentes abordagens e encaminhamentos. Ele deixa de ser o único que tem direito à palavra, abrindo espaço para os alunos se manifestarem sobre seus conhecimentos trazidos dos diversos meios de comunicação. “O docente deixa de ser o único capacitado a ensinar, [...] porque a informação pertence a todos e aos meios. Isso coloca em pé de igualdade os alunos e professores” (JACQUINOT, 1998, p.11).

Na historiografia, sob a perspectiva da Cultura Histórica, acreditamos que

a narrativa histórica não é mais exclusividade dos historiadores. Como propõe Elio Chaves Flores, a historiografia, “Ela tanto pode ser narrada pelo cronista, jornalista, cineasta, documentarista ou memorialista.” (FLORES, 2007. p. 96).

O professor não é o único detentor do conhecimento e nem os estudantes meros expectadores e os conteúdos escolares desconectados de suas vidas. A informação que chega aos alunos de forma fácil e destorcida precisa ser vista como aliada nas aulas. A maneira mais eficaz de trabalhar isto é fazer uma ligação entre meios de comunicação, internet e saberes escolares. O educador precisa estimular e incentivar seus alunos a serem pesquisadores e a transformar suas aulas em oficinas de construção do conhecimento.

O conhecimento que o aluno trás em particular de sua prática cotidiana é chamado de conhecimento tácito e pode ser entendido como aquilo que uma pessoa é capaz de realizar com eficácia e que é adquirido com as experiências de vida. Trata-se de uma forma de conhecimento subjetivo, não mensurável, de difícil captura e transmissão e, por isso mesmo, muito valioso. Este conhecimento prévio dos alunos em se tratando de Cultura da História é importante se valorizado na medida em que o aluno não pode se sentir um depositário de ideias e sim um agente construtor do seu conhecimento com conexão com sua forma de ver o mundo, tal qual acredita Barca (2004 apud CONCI, 2010, p. 51):

[...] ora se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceptual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que sua compreensão o ajude modificar positivamente a conceptualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Nesse modelo o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação.

Esta troca entre conhecimento da escola e conhecimento informal, principalmente os trazidos dos meios de comunicação, tem grande importância no ensino de História a partir do momento em que exista uma barganha, diálogos, confrontos de ideias, que são essenciais para a formação de opinião e o consequente despertar para a cidadania, tal qual Monteiro (s.d. p.15):

O ensino de história é, potencialmente, um lugar onde memórias se inter cruzam, dialogam, entram em conflito; lugar no qual, também se busca a afirmação e registro de [...] determinadas versões e explicações sobre as sociedades, a política, o mundo [...] ‘lugar de fronteira’, que possibilita o diálogo entre memórias e ‘história conhecimento escolar’ [...] Lugar do contraditório, portanto, de embates.

O aluno deve ser valorizado enquanto possuidor de um conjunto de ideias históricas ao chegar à escola. A família, a comunidade e os meios de comunicação não podem ser ignorados neste processo, como afirma Barca (2001. p. 15)

O meio familiar, a comunidade local, os *media*, especialmente a tv, constituem fontes importantes para o conhecimento histórico dos jovens, que a escola não deve ignorar nem menosprezar. É a partir da detecção destas ideias – que se manifestam ao nível do senso comum, e de forma muitas vezes fragmentada e desorganizada – que o professor poderá contribuir para as modificar e tornar mais elaboradas.

A perspectiva da Cultura Histórica procura uma articulação entre o processo histórico e a produção, a transmissão e a recepção do conhecimento histórico. É uma valorização dos conceitos históricos escolares tanto na formação do professor, “quanto na produção e difusão de uma tradição escrita e midiática à margem da ciência histórica (...) a cultura histórica não está exclusivamente presa ao ofício do historiador...” (FLORES, 2007, p. 85).

Pensar em cultura histórica é pensar em um saber adquirido, em uma história sem historiadores e em uma infinidade de intelectuais como cineastas, jornalistas, memorialistas e artistas, por exemplo, que produzem conhecimento histórico também através da mídia.

Neste contexto, é necessário perceber que o poder da cultura não está mais na escola. Está em todos os espaços, inclusive nos meios de comunicação e que os professores são aqueles que norteiam o conhecimento e não são os detentores únicos do conhecimento, tal como afirma Certeau (apud FLORES, 2007, p. 96):

O poder cultural não está mais localizado em uma escola. Ele infiltra-se em qualquer espaço com a televisão. E se personaliza-se. Introduce por toda parte os seus produtos. Faz-se íntimo. Isso muda a posição da escola, [...] Os docentes não estão mais no centro da cultura, mas nas suas bordas.

Acreditando nesta perspectiva inovadora que se preocupa também com a formação dos professores, são notados aspectos referentes à aplicação das mídias no ensino de história, bem como a postura dos professores e alunos frente à nova realidade.

O que observamos na prática é que os professores utilizam, por exemplo, de fotografias, reportagens e cinema, que ao serem apresentados aos alunos, quase sempre funcionam como ilustração, complementação ou substituição de algum conteúdo das várias disciplinas e não estão revestidos de profundidade e contextualização.

Acreditando que um dos papéis do professor é educar para a sociedade, para a construção do saber e do protagonismo social, para o exercício dos direitos e dos deveres do cidadão e percebendo as grandes mudanças sociais que a aproximação entre produção de conhecimento, tecnologia da informação e cidadania tem produzido, o que este estudo se propõe é mostrar como o ensino de história e os meios de comunicação podem ser grandes aliados no processo educacional, e como podem despertar a participação social e a consciência crítica nos alunos através da educomunicação.

Title: Communication pedagogical act, education is a communicative act : the educommunication in history teaching.

Abstract

Given a context of political, social and pedagogical changes we have suffered in recent decades teachers begin to develop experiences in the classroom with educational resources as newspapers, television, cine and other, seeking to broaden the possibilities for innovative teaching practices in the teaching of history, opening space for media. With this causes a break - up of the reproductive class model, leaving the most stimulating and arousing learning skills of students through an interactive universe, marked by exchanges of ideas, languages and circulation of new knowledge. Thanks to closer relations between the form of teaching and moving company, the union between communication and education enabled the emergence of a new field of social intervention ; the professional of educommunication. This professional works with educators and recognizes that the teacher is not the one who accumulates knowledge, but this is built together in the classroom, respecting the diversity of representations . Thus, this paper proposes a reflection on the educommunicatives practices in history teaching in schools in Catalão/GO and his contributions to the development of citizenship.

Keywords: Educommunication; Teaching; History.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **O tecelão dos tempos**: O historiador como artesão das temporalidades. Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 4, n. 19, Rio, 2009.
- AZEVEDO, Crislane Barbosa de. LIMA, Aline Cristina da Silva. O uso de fontes e diferentes linguagens no ensino de história na educação básica. **XVI seminário de Pesquisa do CCSA**, nov.2010, s.p.
- BARCA, Isabel. Educação histórica: Uma nova área de investigação. **Revista da Faculdade de Letras**. Porto, III Série, v. 2, 2001, p. 13-21.
- CANEN, Ana. Universos Culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. **Revista Educação & Sociedade**. a. 22, n. 77, dez. 2001, p. 207-227
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. MENEZES. Maria de Lourdes. (trad.), 2ª ed. Rio de Janeiro:Forense Universitária, 2000. p. 65-118.
- CONCI. Tatiana Cabreira. Narrativa histórica: Uma nova perspectiva em sala de aula. p. 49-58, nov. 2010. Trabalho apresentado nos Anais do 3º Seminário de Educação Histórica – **Desafios da aprendizagem na perspectiva da Educação Histórica**, UFPR, nov.2010.
- FLORES, Elio Chaves. Dos feitos e dos ditos: História e cultura histórica. **Revista de História**. Saeculum, v.16, jan./jun. 2007. p. 83-102.
- GERMINIANI, Geyso. Educação histórica: A constituição de um campo de pesquisa. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 42, p. 54-70, jun 2011. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/histedbr/article/view/3261>. Acessado 03/09/2014.
- JACQUINOT, Geneviève. O que é um educador: O papel da comunicação na formação dos professores. Palestra proferida no I Congresso Internacional de Comunicação e Educação, São Paulo, mai.1998. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/aeducucomunicacao/saibamais/textos/>. Acessado em 04/06/2014
- MONTEIRO, Ana Maria. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. **Revista História & Ensino**, Londrina, v. 9, p. 37-62, out. 2003.
- _____. Ensino de História: entre história e memória. Disponível em: <<http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/pesquisa-pratica-educacional/artigos/artigo1.pdf>>. Acesso em 23 dez. 2013.
- PAGÈS BLANCH, Joan. Tiempo, Memoria, Lenguajes y Enseñanza de Historia: Entrevista com el professor Dr. Joan Pagès Blanch. **Revista OPSIS**, Catalão, v. 13, n. 1, p. 17-30, jan./jun. Entrevista concedida a Regma Maria dos Santos.
- PERUZZO, Cecília M. Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Revista PCLA**, v. 04, n. 2, out/dez 2002. Disponível em: <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm>>. Acesso em 07 fev. 2014.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: Imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**. v. 15, n. 29, 1995. p. 9-27.
- RODRIGUES, Adriana Alves. Jornalismo e educação: a produção de narrativas multimídia no ensino-aprendizagem. **Revista Mediação**, Belo Horizonte, v.15, n. 17, p. 95-107, jul./dez. 2013.

ROSSINI, Miriam de Sousa. In: O lugar do audiovisual no fazer histórico: uma discussão sobre outras possibilidades do fazer histórico. **História e Linguagens**: Texto, imagem, oralidade e representações, Lopez, Antonio Herculano (org.). Rio de Janeiro, 7Letras, 2006. p. 113-133.

RUSEN, Jörn. Didática: Funções do Saber Histórico. In: RÜSEN, Jörn. **HistóriaViva: Teoria da História III** – formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevão Rezende Martins. Brasília: Ed. da UnB, 2007.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. As fontes históricas e o ensino da História. In: **Ensinar história**. São Paulo, Scipione, 2004. p. 89-110.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011. 132p.

_____, Ismar de Oliveira. Uma educomunicação para a cidadania. **Núcleo de Comunicação e Educação/USP**. Disponível em: < <http://www.usp.br/nce/?wcp=/aeducunicacao/texto>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

ZARTH, Paulo Afonso. Ensino de história, participação da comunidade e cultura histórica. **Revista de História**. Saeculun, n. 6/7, jan./dez./ 2000/2001.